

Os gemidos da criação: desafios à atual Teologia da Libertação

Marcelo Barros

Entre todos os assuntos e desafios que hoje se impõem à sociedade internacional, a Ecologia é, certamente, o que mais preocupa a maioria da humanidade e o que reúne mais adeptos em todas as culturas e categorias sociais. Não poderia deixar de interpelar à Teologia e especificamente à Teologia da Libertação. Nesta breve conversa com vocês me proponho a:

Resumir em poucas linhas o caminho que já se fez de diálogo entre grupos consagrados ao cuidado com a natureza e alguns teólogos/as e correntes de teologia cristã.

Levantar algumas questões que as atuais correntes ecológicas levantam para a teologia da libertação.

Esboçar algumas pistas para um aprofundamento do que seria uma Teologia da Libertação mais explicitamente ecológica e holística.

Nesta reflexão estou conversando com pessoas já comprometidas com a Teologia, como contribuição para um diálogo em um encontro da direção da ASETT. Então, não me preocuparei em introduzir do começo cada tema tratado. Suponho que as pessoas que lerão estas linhas estão habituadas com a linguagem e o conteúdo destas questões. Perdoem-me também mais levantar questões e propor desafios do que realmente propor caminhos e soluções positivas que seriam o tema do 3º Fórum Mundial de Teologia em janeiro de 2009 e pode ser assunto de um trabalho coletivo da ASETT em seminários e oficinas que pensamos importante realizar.

1. A reconciliação entre Teologia cristã e Ecologia

Não podemos negar que a Ecologia surgiu em ambientes alheios à Igreja e até meio século, as Igrejas não só não pareciam acordadas para a questão ecológica, como mantinham uma visão de tipo antropocêntrica contrária ao cuidado com a natureza. O próprio sistema patriarcal e capitalista sempre pareceu se legitimar a partir de uma visão do mundo que se convencionou chamar de “cultura judaico-cristã”.



Vários estudiosos europeus e americanos culpam esta cultura judaico-cristã pela mentalidade dominante na sociedade ocidental, responsável pelo desrespeito ao meio ambiente e destruição da natureza. O pioneiro desta crítica parece ser Lynn White Jr que, na revista *Science*, escreveu sobre “As raízes históricas da nossa crise ecológica”. Ali, ele propõe que os ambientalistas rompam com a herança judaico-cristã, cultura culpada pela destruição da natureza. Ele propõe o resgate das antigas religiões animistas e elementos das religiões orientais. O argumento mais grave é que a religião judaica e cristã levou a sério demais o antropocentrismo exacerbado da Bíblia, segundo a qual Deus criou o ser humano como “senhor da criação” com a ordem de subjugar a natureza e domá-la a seu bel prazer. E a Bíblia ainda diz que o humano é, entre todos os seres, o único criado “à imagem de Deus”; o único a ser considerado “semelhante a Deus” (Cf. Gn 1, 28; Sl 8). Esta concepção bíblica deu o suporte para o ser humano explorar a terra e destruí-la, ao invés de se relacionar com ela amorosamente (1). “Também algumas ecologistas femininas compararam os relatos da criação na Bíblia com mitos do antigo Egito e da Babilônia e julgaram que, tal qual estes mitos orientais, também a Bíblia, nas histórias da criação, contém a vitória do deus masculino ordenador que derrota um princípio feminino caótico” (2).

Independentemente do fato de que, para serem justas, estas críticas deveriam fazer certas distinções, é verdade que, durante séculos, a teologia dominante no Ocidente parecia opor criação e história, a chamada “ordem natural” e “sobrenatural”, como também confundia fé cristã e cultura patriarcal. Também não se pode negar que algumas raízes deste patriarcalismo machista e da visão pouco respeitosa da natureza estão em textos bíblicos. Como a boa análise de textos e a crítica da história deve ser contextual e dialética, é importante aprofundar as razões pelas quais, a teologia judaico-cristã foi pouco sensível à questão ecológica e a uma relação mais justa entre os gêneros, elementos melhor respeitados e representados em outras religiões, como correntes orientais e algumas tradições indígenas e negras.

Nos anos 70 e 80, o movimento bíblico pós-conciliar se espalhou por toda a América Latina e gerou correntes como a leitura popular e libertadora da Bíblia divulgada pelo CEBI no Brasil, pelo DEI em Costa Rica e por outros centros ecumênicos de estudo e pastoral. Talvez, no começo, alguns biblistas mais sensíveis reconheceram que a Bíblia, escrita a partir da situação que o antigo povo de Israel vivia, precisou reagir contra as religiões da natureza, dominantes nos



Impérios opressores (Egito, Babilônia e estados cananeus). Reconheciam que, por isso, falta na Bíblia uma mais profunda visão ecológica. Mas, faziam certos malabarismos exegéticos e teológicos para encontrar na Bíblia textos que pregam e difundem o amor à natureza. Em anos mais recentes, em todo o mundo e na América Latina, há grupos e pessoas que procuram ler a Bíblia a partir de uma nova sensibilidade. Com honestidade e respeito pela história e pelas escrituras, tentam aprender com a Bíblia um profundo amor à terra e à natureza que nos envolve. Em todas as línguas, encontramos revistas teológicas cristãs e estudos exegéticos que assumem uma perspectiva histórico-crítica, mas mostram uma visão bíblica e cristã que promove a Ecologia (3). Em geral, estes estudos ainda manifestam uma necessidade de salvar a Bíblia do banco dos réus. Sem negar a beleza e pertinência de muitos destes estudos, penso que uma Teologia pluralista da Libertação deve chamar a atenção para o fato de que se a Bíblia não desenvolve todos os pontos que consideramos positivos e não contém toda a revelação da qual o mundo hoje precisa, é sinal de que devemos nos abrir ao que o Espírito nos fala em outras culturas e tradições espirituais da humanidade. Na América Latina, as religiões indígenas e negras têm um elevado senso de comunhão com a natureza. A relativa pobreza do cristianismo sobre este assunto pode ser instrumento oportuno para a necessária humildade das Igrejas em aprender com outras culturas o que a elas Deus revelou. De qualquer modo, é bom registrar que esta área da exegese bíblica mais aberta tem sido um lugar de bom diálogo e reconciliação tanto com as outras culturas religiosas como com o mundo da ciência.

Alguns teólogos comprometidos com a libertação, como Leonardo Boff e Ivone Gebara; na Europa, Jurgen Moltmann e José Ramos Regidor e nos Estados Unidos, Matthew Fox e Elizabeth Schussler Fiorenza, já no começo dos anos 90, começaram a desenvolver a Eco-teologia e a Teologia eco-feminista. O livro de Leonardo Boff, “Ecologia, Grito da Terra, Grito dos Pobres, (São Paulo, Ed. Ática, 1996) ganhou prêmios de “melhor livro do ano” no Brasil e foi tão reconhecido no mundo que este teólogo foi convidado pela UNESCO para integrar a comissão internacional, encarregada de recolher as contribuições vindas das bases e formular a “Carta da Terra”. A partir daí, outros teólogos e teólogas lançaram as bases de um diálogo para uma teologia ecológica macro-ecumênica e pluralista. Para tratar da questão ecológica e dar um verdadeiro salto epistemológico no modo de escrever sobre a causa da libertação, estes autores e autoras nem sempre partiram da



metodologia consagrada pela Teologia da Libertação. Isso era um processo compreensível, mas, uma vez ou outra, até em encontros teológicos (como o da SOTER, 2001) foram questionados se não tinham abandonado a opção pelos pobres e se este tema (da ecologia) não era, por demais, ocidental e até burguês. Não se pode esquecer que os livros mais famosos ou significativos que, na América Latina se escreveu sobre este assunto unia justamente “o grito dos pobres e o grito da Terra”, assim como partia da causa das mulheres oprimidas e não simplesmente do movimento feminista do primeiro mundo (4) iv. É normal que quem abre caminho não possa desenvolver todas as implicações deste caminho aberto. No círculo de amigos, Leonardo Boff tem se lamentado que, até hoje, este tema da Ecologia não foi ainda profundamente assumido pela Teologia e mesmo pela Teologia da Libertação. O pretexto ou desculpa de que, nesta pesquisa nova, a questão da opção pelos pobres é menos explícita, no fundo, não parece justa. Trata a opção pelos pobres como tema em si e não como um lugar teológico ou critério a partir do qual se tratam os grandes temas teológicos e humanos como este da Ecologia. De qualquer modo, se não é justa a crítica que parece isolar a questão ecológica do compromisso com os oprimidos, sem dúvida, os próprios autores da Eco-teologia concordam que fica ainda por fazer uma “costura” mais orgânica entre o caminho percorrido pela TL no continente e o novo caminho de uma “Eco-teologia da Libertação” que já foi bem delineado por estes irmãos, mas, de fato, ainda não plenamente desenvolvido como teologia da libertação e principalmente pluralista. Na Europa, Moltmann desenvolveu uma teologia da criação de caráter ecológico e ligada à causa da libertação dos pobres. Nos EUA, Matthew Fox desenvolveu elementos de uma Cristologia ecológica (5). Na América Latina, os teólogos falaram mais de uma Ética ecológica (L. Boff, Dussel e outros), mas restam ainda muitos pontos a ligar.

2. Desafios da questão ecológica para a Teologia da Libertação (6).

Este tema é delicado porque facilmente poderia soar como crítica descomprometida a companheiros/as que respeito e admiro profundamente. Aqui se trata de elencar alguns desafios do momento atual pelo qual vejo passar a Teologia da Libertação, mas sem de modo algum, diminuir o valor imenso da contribuição dada pelos companheiros que militam neste setor.



2. 1. Uma teologia acadêmica que quer ser popular

Esta questão vai além do diálogo entre TL e correntes ecológicas, mas certamente toca muito de perto nesta questão. De um lado, é fundamental que a TL tenha alcançado várias universidades e tenha professores/as e doutores/as que a defendam e a aprofundem. Do outro, se a relação entre a universidade e a rua é sempre um desafio, a produção de uma teologia com os pressupostos metodológicos da TL exige cada vez mais inserção nos meios populares e o engajamento simples das pessoas que a estudam na caminhada dos movimentos populares e das religiões tradicionais do nosso povo.

A cabeça pensa de acordo com o lugar onde os pés caminham. A TL nasceu da teologia clássica e até hoje, a maioria dos teólogos/as continuam profundamente ligados às universidades católicas (e algumas evangélicas), instituições pensadas para reproduzir o pensamento da Igreja por ela representada. A primeira geração dos teólogos da libertação foi formada na Europa e se mantém ligada a esta matriz, mesmo se a critica. As gerações mais jovens são formadas na Europa ou em centros autorizados no continente latino-americano. Isso é positivo, mas contém o desafio de continuar produzindo uma teologia vinda da práxis libertadora, ou seja, da inserção na caminhada libertadora dos oprimidos. A teologia negra domina bem termos como terreiro, senzala e alguns eixos fundamentais da cultura religiosa negra. Entretanto, para avançar hoje, além desses lugares comuns, tem o desafio de uma inserção concreta, quotidiana muito exigente em um meio que muda rapidamente de situação social e exige uma compreensão prática que tem de ir além dos bancos da escola. Este tipo de desafio também ocorre com relação à dimensão ecológica. Para a teologia da libertação, a Ecologia não pode ser apenas um tema teórico ou elemento de discussão. O que está em jogo é a própria vida, a qual a Teologia da Libertação sempre quis se consagrar. Para dar um exemplo disso, no Brasil atual, a discussão sobre o projeto da transposição do rio São Francisco foi levantada não pelos teólogos ou teólogas que trabalham a Eco-teologia e sim pelo bispo Dom Luiz Cappio e as pastorais populares, engajadas contra a transposição. E estes agentes de pastoral não tiveram (ou não puderam ter) o cuidado de aprofundar uma metodologia teológica com as mediações sociais e políticas necessárias. Tudo se organizou em torno do jejum do bispo que teve de suspendê-lo 20 dias depois, por causa de sua extrema fraqueza pessoal e diante do fato de que o governo não



cedia. Vários teólogos da libertação que escreveram sobre a Eco-teologia assinaram um abaixo-assinado (eu mesmo) apoiando a causa do bispo, mas não levantaram a questão se o método seguido pelo bispo e pelos grupos de pastorais foi o mais adequado para aquele momento político. O clima passional que se criou não facilitava posições que pudessem parecer não solidárias ao bispo. Assim mesmo, Jung Mo Sung e Luiz Alberto Gómez de Souza escreveram questionando que naquele movimento de tipo religioso estava faltando mediações sócio-políticas, tão importantes no desenvolvimento de uma verdadeira teologia da libertação. Neste episódio, como em outros, sentiu-se certo hiato entre a teologia e o engajamento pastoral concreto. Uma Eco-teologia da libertação que aprofundasse isso certamente teria sido de grande ajuda à causa das pastorais sociais.

2.2. O desafio de uma teologia da criação eco-libertadora

A teologia da criação é elemento primeiro e fundamental em um diálogo entre TL e pensamento ecológico. Desde os anos 80, alguns volumes da coleção Teologia e Libertação (por exemplo, Criação e História de José Trigo, Teologia da Terra de Marcelo Barros e José Luis Caravias, Antropologia Cristã, de José Comblin e outros) tentaram isso. Ligavam bem Criação e Projeto de Libertação, mas não se preocupavam em ligar Criação e Sacralidade da Natureza. Há elementos de uma teologia ecológica da criação em vários artigos publicados e em alguns estudos exegéticos. Em geral, são textos bons, mas a maioria parece ainda expressar uma matriz epistemológica de cultura greco-romana, desenvolvida na Idade Média por Santo Tomás e totalmente incapaz de absorver ou ao menos dialogar com o pensamento atual das ciências da natureza, como a Física Quântica (estudada e citada por teólogos como Leonardo Boff, Luis Carlos Susin e pastoralistas como Frei Betto), perspectivas do neodarwinismo e outras correntes do pensamento contemporâneo. Sem dúvida, falta ainda um estudo desenvolvido desta questão na linha de uma teologia da libertação e que una criação e salvação, natureza e história, missão do ser humano e vocação divina de todo o universo.

2.3. A visão de Deus a partir da cosmovisão holística e a TL

O tema da Trindade foi trabalhado por Leonardo Boff e por outros a partir do final dos anos 80. Mas, geralmente, a visão destes textos é ainda naturalmente antropocêntrica (“A Trindade é modelo e fonte de comunidade humana”). A questão



ecológica põe em debate a própria visão de Deus e questiona a Teologia da Libertação sobre como falar de um deus comprometido com a libertação dos oprimidos, mas, de certa forma, ainda separado da natureza, da terra, da água e de todo o universo.

Leonardo Boff e outros assumiram a já clássica distinção entre panteísmo (tudo é Deus) e panenteísmo (Deus está em tudo, ou tudo está em Deus), já desenvolvida por Spinoza e explicitada pelo filósofo alemão Karl Christian Frederick Krause (foi quem inventou o termo). Isso certamente ajudou a aproximar a TL de uma visão holística da divindade, na qual o próprio universo é como o corpo da divindade e esta se manifesta no conjunto da vida no planeta. Nesta linha, é um desafio para a nova TL desenvolver uma Pneumatologia Ecológica, na linha que Moltmann começou, mas aplicada à América Latina e em diálogo com as religiões indígenas e negras.

2.4. Para uma libertação holística

Esta nova visão da divindade precisa unir um elemento crítico que a TL sempre desenvolveu e, ao mesmo tempo, uma dimensão ecumênica com as visões de Deus reveladas pelas tradições populares latino-americanas.

Mesmo quando se colocava como uma teologia da vida e a serviço do Deus da vida, a TL tratava exclusivamente da “vida humana”, desligada dos outros seres vivos. Todo o paradigma da libertação se baseou no Êxodo e na história, mas quase oposta a uma visão de Deus que atua na natureza. Não foi contra os deuses da natureza e sim os do capitalismo que, no início dos anos 80, opúnhamos o nosso Deus, o Deus da fé bíblica, o Deus de Jesus aos deuses do mundo. Fazíamos questão de acentuar que éramos descrentes de uma imagem de Deus que a sociedade e, às vezes, as próprias Igrejas promovem para acreditar no Deus da libertação (7). Sob certo ponto de vista, o antropocentrismo e patriarcalismo de várias destas obras da Teologia da Libertação eram justificáveis no contexto latino-americano que exigia prioridades mais imediatas e eram mais sutis, mas nem por isso elas escapam da crítica que as correntes ecológicas fazem à teologia cristã mais tradicional.

2.5. A respeito da inserção “popular” da TL hoje



Nos anos 90, o padre José Comblin já dizia que a teologia da libertação optou pelos pobres e estes optaram pelas Igrejas pentecostais. É claro que esta análise merece nuances e tem diversas explicações, mas, hoje, as próprias comunidades eclesiais de base e muitas das pastorais populares têm uma sensibilidade diversa dos movimentos populares dos anos 70. Em vários casos, esta sensibilidade aproxima mais as comunidades pobres de shows missas e movimentos carismáticos do que da linguagem da libertação a qual estávamos habituados. Até o final dos anos 80, em muitos ambientes de pastoral popular, Ecologia era vista como assunto de classe média, enquanto as religiões negras e indígenas sempre viveram esta veneração e cuidado com a natureza. A Teologia da Libertação tem uma dívida com estas religiões e é importante aprofundar este tema. Nos anos 90, a Assembléia do Povo de Deus (APD) tentou desenvolver um diálogo pastoral e teológico entre Teologia da Libertação e as religiões populares latino-americanas. Os documentos conclusivos dos dois encontros continentais da APD são exemplos disso, mas as bases desta reflexão eram sempre a sensibilidade e a teologia cristã de inspiração inclusivista e quase agressivamente monoteísta e ainda patriarcal.

É importante hoje elaborar uma teologia da libertação ecológica que aprenda com as religiões populares.

2.6. E a relação entre TL e magistério eclesial?

Com a desculpa (justificada) de inserção na realidade popular, a maioria dos setores de Teologia da Libertação sempre se colocaram e até hoje se colocam criticamente em relação ao poder político vigente (muitas vezes, ditatorial e elitista) em nossos países, mas procuram não só não criticar, como até cooptar e conquistar a hierarquia das Igrejas para a causa da teologia da libertação. Este esforço leva os teólogos a, na realidade, assumirem expressões e posturas que supõem a mesma teologia dos ministérios que tem o papa e a hierarquia católica ou a mais conservadora das outras Igrejas. Basta ler a maioria dos escritos dos nossos teólogos sobre a conferência de Aparecida. Parecíamos ainda estar nos anos 70 quando a palavra de ordem parecia ser provar que o papa e os bispos estão do nosso lado. Sendo assim, a TL nem consegue uma aceitação oficial a que este tipo de postura almeja e nem fica livre para ousar uma teologia nova e de fato verdadeiramente ecológica. Nesta postura de cooptação, ninguém sabe quem coopta quem. Por exemplo, em Aparecida, foram os teólogos das comunidades



populares que cooptaram bispos amigos e conseguiram que a conferência fosse menos elitista e mais aberta à caminhada de nossos povos ou foram, antes, os bispos que cooptaram teólogos para legitimar o documento deles, basicamente pensado a partir de uma ideologia de conquista, mas agora enfeitado com um outro parágrafo simpático às Cebes e às pastorais populares? Ou não é o caso de falar em cooptação já que uns e outros fazem isso com a mais profunda sinceridade de sua fé? De qualquer modo, se desligada ou livre das hierarquias, a teologia se tornaria tão marginal que não teria nenhuma repercussão (foi a triste experiência da APD nos anos 90), com o tal aprisionamento atual às estruturas eclesiais, também nunca poderemos ter uma teologia mais holística e ecológica. Aliás, com o tal clima de repressão, não se pode fazer nenhuma teologia, nem mesmo a mais tradicional, quanto mais uma nova teologia da libertação. Por mais que seja incômodo e desagradável este assunto, um congresso ou seminário sobre teologia, atualmente, não deveria fugir deste desafio. Quem sabe, se neste caminho, as mulheres e pessoas menos próximas da hierarquia, (mais laicais) pudessem ter um papel importante nesta tarefa.

3. Pistas e caminhos abertos para uma Eco-teologia da Libertação

No final dos anos 90, Dom Oscar Romero traduzia o pensamento de Irineu de Lyon dizendo: “A glória de Deus é a vida e a libertação dos empobrecidos”. Sem dúvida, hoje, ele diria que esta vida e libertação dos pobres dependem da vida e da libertação da terra, da água transformada em mercadoria e do direito de todos os seres vivos. Para concluir, aceno aqui com alguns elementos que podem ser caminhos novos para a elaboração de uma Eco-teologia da libertação.

3.1. Um novo instrumento de análise

Quando a TL começou, ela popularizou na América Latina um instrumento de análise social que não tinha medo de tomar elementos do Marxismo, como, na Idade Média, Tomás de Aquino assumiu o desafio de romper com a teologia platônica e repensou a fé cristã a partir da filosofia aristotélica (8). Atualmente, sem deixar de lado conquistas que estão incorporadas no método de análise da TL, apresenta-se um caminho novo e desafiador: elaborar a Teologia e suas partes a partir da Cosmologia atual e de ciências como a Física Quântica e dos novos paradigmas que dão consistência aos movimentos ditos da “Nova Consciência”. Não se trata de



assumir tudo ou de incorporar cada detalhe deste pensamento até porque ele se apresenta fragmentário, mas se trata de dialogar profundamente com estas correntes e elaborar a Teologia da Libertação com um pé no compromisso concreto da solidariedade aos movimentos populares e outro no diálogo com estas correntes novas da humanidade. Leonardo Boff e alguns/mas teólogos/as já começaram este caminho, mas é preciso aprofundar e aplicar aos diversos setores da Teologia, principalmente a caminhos das teologias negras e indígenas onde este elemento parece, por enquanto, menos explícito (A teologia feminista latino-americana desenvolveu mais este aspecto).

3.2. Uma teologia verdadeiramente ético-espiritual

Se a teologia da libertação sempre teve nas suas raízes uma profunda espiritualidade de escuta da Palavra divina e de opção por se viver a misericórdia na solidariedade com os oprimidos, nesta nova etapa, provavelmente a Eco-teologia não acrescentará grandes novidades teóricas a tantos estudos e pesquisas nesta área da Ecologia, mas poderá contribuir reforçando uma espiritualidade ecológica (macro-ecumênica) e pluralista.

Hoje, se fala tanto de “espiritualidade”, termo de certa forma novo no mundo teológico. Mas, de que se trata especificamente? O teólogo suíço Hans Urs von Balthasar, que ninguém pode acusar de ser da teologia da libertação, escreveu: “É a atitude fundamental, prática ou existencial, que é a conseqüência e a expressão que a pessoa dá à sua existência religiosa, ou mais geralmente, ao seu compromisso ético” (9). Se traduzimos isso concretamente, a Espiritualidade é “o sentido que se pode dar à vida”. Ora, que sentido teria a vida se não for relação com o outro? Talvez, outras tradições liguem a Espiritualidade à busca de intimidade com a divindade, mas não salientem tanto que o primeiro lugar no qual Deus encontra o ser humano é no outro. Na Bíblia, isso é a verdade mais explícita. Desde a pergunta de Deus a Caim: “onde está o teu irmão?” até a promessa da nova Jerusalém no Apocalipse, onde “não haverá mais nem pranto, nem luto, nem dor” (Ap 21) e como diz Paulo: “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15), espiritualidade é reconhecer o divino no outro. Talvez até hoje, as pessoas que separam a espiritualidade do compromisso social, continuem perguntando como Caim: “porventura, eu sou o guarda do meu irmão?”.



Agora, a Teologia da Libertação é chamada a ampliar a percepção deste outro que não é somente o outro humano, mas todo ser vivo e mesmo a criação. Ou nos unimos a todas as tradições espirituais que recordam à humanidade a presença divina em todos os seres e apelam para que o encontro com a divindade se dê nesta comunhão com a natureza, ou o esforço ecológico apenas técnico ou científico não conseguirá repercutir nas camadas populares em tempo suficiente para evitar a tragédia que já se faz anunciar. Fica o desafio de como e em que direção desenvolver esta Eco-espiritualidade da libertação. Novamente, a experiência das tradições espirituais das comunidades negras e índias pode nos ajudar muito neste caminho.

3.3. A Eco-teologia da Paz e de uma nova mundialidade

O problema da destruição da natureza é mundial e, inclusive, os governos dos países ricos têm nisso uma responsabilidade maior do que os do terceiro mundo. Já por isso, uma Eco-teologia da libertação deverá ser mundial e trabalhar a questão em suas diversas dimensões. Felix Guatari falou das três ecologias, a ambiental, a social e a mental ou interior (10). Comumente, se pensa que, desde o seu início, a TL sempre trabalhou o que se convencionou chamar de “ecologia social” e é verdade. Mas, a ecologia é o estudo das conexões e relações. No caso da ecologia social, todo trabalho para libertar os empobrecidos tem um conteúdo ecológico claro, mas a visão ecológica pede não somente a luta social e sim a conexão entre luta social e a integração do ser humano no universo. Na América Latina, os movimentos sociais no campo que trabalham com agro-ecologia e agro-floresta, assim como nesta luta, incluem as mulheres e crianças, desenvolvem esta ecologia social. Da ecologia ambiental a Eco-teologia já tem tratado. Quanto à ecologia mental ou interior, se trata de integrar na caminhada a dimensão da subjetividade, o que até hoje, continua sendo um difícil desafio para muitos que integram a caminhada da libertação. Como desenvolver uma verdadeira Eco-teologia libertadora sem ter coragem de enfrentar as estruturas repressivas das Igrejas que, em planos como o da moral pessoal, angustiam as pessoas e dão uma imagem tão severa de Deus?

A Ecologia social toca na questão cultural e no mundo todo busca desenvolver nas pessoas uma cultura de paz e não violência. A TL que, em outros momentos da história, teve de assumir a conflitividade e inclusive o apoio estratégico



a movimentos revolucionários latino-americanos, hoje tem de desenvolver uma teologia da paz que não fique somente nos elementos teóricos e pedagógicos de uma teologia da paz do primeiro mundo, mas aceite construir a paz a partir da causa dos oprimidos. É urgente elaborar uma TL a partir de uma concepção holística de cidadania planetária e construção inter-cultural e inter-religiosa que a própria Teologia europeia, mesmo a mais aberta, não teve ainda possibilidade de desenvolver.

Num seminário de lavradores na Amazônia, um pescador/lavrador declarou: “A consciência da terra é como nossa vida. A terra é a vida da gente”. Numa visão mais universal, estas palavras nos lembram a de um antigo filósofo chinês, Chiang Tsai: “O céu é o meu pai e a terra minha mãe. Mesmo uma criatura pequena como eu, encontra acolhimento nas suas mentes. Por este motivo, em tudo o que constitui o universo vejo o meu corpo... Todos os seres humanos são meus irmãos e todas as coisas meus companheiros”. Este tipo de afirmação vem da fé na vida e de amor ao universo. Mas, não é natural e nem sempre se tiram dela todas as suas possibilidades. É tarefa da teologia, fundamentar e desenvolver positivamente este caminho.

-
- 1 - Cf. LINN WHITE: The historical Roots of our Ecologic Crisis, "Science" 115 , março 1967 p. 12203-1207. M. HORKHEIMER, Eclisse della ragione, Torino, Einaudi, 1969, p. 93 cit por A. RIZZI, in Teologia ed Ecologia, Roma, Ed. Ave, 1992, p. 46. Em português: TURNER, F., O espírito ocidental contra a natureza, Mito, História e Terras Selvagens, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1990.
 - 2 - Cf. HUGO ASSMAN, Eco-teologia, um ponto cego do pensamento cristão, in VÁRIOS AUTORES, Teologia aberta ao Futuro, São Paulo, SOTER, Loyola, 1997, p. 195.
 - 3 - Por exemplo, CARLOS MESTERS, Paraíso Terrestre, Saudade e Esperança, Vozes, 1973. E várias publicações especiais do Por trás das Palavras do CEBI, sobre Bíblia e Ecologia, (Ed., CEBI, São Leopoldo), a revista ALTERNATIVAS, ano 3, número 6 (Nicarágua), sobre Ecologia, uma repuesta alternativa. Na Europa, entre outros vários números da revista internacional CONCILIUM e, na Espanha, a publicação do XV Congresso de Teologia em Madrid (1995) sobre Ecologia y Cristianismo.



- 4 - Cf. L. BOFF, *Ecologia, Grito da Terra, Grito dos Pobres*, São Paulo, Ed. Ática, 1996. I. GEBARA, *Teologia Eco-feminista*, São Paulo, Ed. Olho d'água, 1997.
- 5 - M. FOX, *A vinda do Cristo Cósmico*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Era, 1995.
- 6 - Aqui dialogo com FR. SERGIO BRAN MOLINA e FR. RUI MANUEL GRACIO DAS NEVES, *Retos Eco-teológicos*, in *Ecologia: una respuesta alternativa*, Revista Alternativas, Guatemala, 1995, n. 3, p. 145 ss. Aceito algumas propostas destes autores e as desenvolvo e outras, deixo de lado.
- 7 - A obra de referência deste movimento foi uma obra coletiva organizada pelo DEI, *A Luta dos Deuses*, San José, Costa Rica, 1980. A partir daí, vários autores reassumiram este tema, até hoje, atual e pertinente, mas de vez em quando ambíguo porque não explicitamente macro-ecumênico e sem nenhuma preocupação de denunciar o patriarcalismo contido na própria imagem deste Deus da Vida que se opunha aos "ídolos da morte" (Cf. Pablo Richard e Hugo Assman).
- 8 - Não foi exatamente um teólogo da libertação. Foi Dom Hélder Câmara que, em seu diálogo com Roger Garaudy e outros amigos marxistas, propunha esta comparação. Ver *Discursos de Dom Helder*, ...
- 9 - H. H. VON BALTHASAR, *Das Evangelium als Norm und Kritik aller Spiritualität*, citado por ÉDOUARD DOMMEN, *Autour du sens et de l'identité*, na obra coletiva coordenada por FRÉDÉRIC P. PIGUET, *Approches Spirituelles de l'Écologie*, Paris, Ed. Charles Léopold Mayer, 2003, p. 15.
- 10 - F. GUATARI, *As Três Ecologias*, São Paulo, Ed. Papyrus, 1991.

